DAVAR POLISSÊMICA

O silêncio orante do Papa Francisco em Auschwitz-Birkenau: a liturgia sem palavras para que o horror não se repita[68]

Pope Francis's prayerful silence at Auschwitz-Birkenau: A liturgy without words so that the horror will never be repeated

Arlindo Vicente Júnior[69]
Doutorando no PPG Ciências da Religião da PUC Campinas

Breno Martins Campos[70]
Docente no PPG Ciências da Religião da PUC Campinas

Resumo: Neste artigo, destacamos a visita do Papa Francisco ao campo de prisioneiros em Auschwitz-Birkenau (em 29 de julho de 2016). O objetivo é analisar a comunicação que a

Recebido em: 19 nov. 2025 Aprovado em: 9 mar. 2026

[68] A primeira forma deste texto, intitulada "A memória, a presença e a quietude do Papa Francisco em Auschwitz" foi a de uma comunicação do autor Arlindo José Vicente Júnior no X Congresso Internacional da ANPTECRE, realizado de 23 a 26 de setembro de 2025.

[69] Doutorando no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Campinas. Membro do Grupo de Pesquisa RELINC (Religião, Linguagem e Cultura). Mestre em Ciências da Religião pela PUC Campinas, graduação em Teologia e em Filosofia pela mesma universidade. Ajuda na formação dos leigos e leigas na Diocese de Limeira. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/9372336987709849 Orcid https://orcid.org/0009-0001-2598-7003 E-mail arlindovicentejr@gmail.com

[70] Membro do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, editor-chefe da Revista Reflexão e professor da Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP); bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); e bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (SPS) - com integralização de créditos e validação de diploma pela Escola Superior de Teologia (Faculdades EST). Pós-doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/6935599495762856 Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7421-4499 E-mail: brenomartinscampos@gmail.com

presença e a quietude de Francisco promoveram naquele cenário de memória trágica, pois, contrapondo seus antecessores, optou por não discursar e ofereceu a quietude como elemento central. Trata-se de um trabalho que utiliza o método qualitativo, com abordagem teórico-bibliográfica, em três etapas: na primeira, analisamos os discursos proferidos por João Paulo II e Bento XVI; depois, dialogamos com algumas imagens transmitidas da visita apostólica de Francisco; e, por fim, destacamos o que Francisco disse sobre a importância da memória como garantia e estímulo para a construção de um futuro mais justo e fraterno. Como resultado, procuramos mostrar que a fala e o silêncio orante de Francisco geraram empatia, respeito e solidariedade com a memória dos que ali sofreram e com seus descendentes.
Palavras-chave: Francisco. Auschwitz. Memória. Quietude. Silêncio.

Abstract: In this article, we highlight Pope Francis's visit to the Auschwitz-Birkenau prison camp (on July 29, 2016). The objective is to analyze the communication that Francis's presence and silence promoted in that scene of tragic memory, as he, unlike his predecessors, chose not to speak and instead offered silence as a central element. This is a qualitative study with a theoretical-bibliographical approach in three stages: first, we analyze the speeches given by John Paul II and Benedict XVI; then, we discuss some images transmitted from Francis's apostolic visit; and finally, we highlight what Francis said about the importance of memory as a guarantee and stimulus for building a more just and fraternal future. As a result, we seek to show that Francis's speech and prayerful silence generated empathy, respect, and solidarity with the memory of those who suffered there and with their descendants.
Keywords: Francis. Auschwitz. Memory. Quietness. Silence.

Introdução

O cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio assumiu o pontificado no dia 13 de março de 2013, depois da renúncia de seu antecessor Bento XVI, cujo pontificado foi de 2005 a 2013. Durante o pontificado de Francisco, de 2013 a 2025, o papa vindo do "fim do mundo" quis visitar alguns dos lugares em que o sofrimento humano esteve ou ainda está presente. Por exemplo, locais de

travessia de migrantes, de vítimas da violência social ou de Estado, de evidências dos horrores que a humanidade foi capaz de produzir ao longo da história, entre outros.

Nesse sentido, destacamos a visita que Francisco fez ao campo de prisioneiros em Auschwitz-/eBirkenau[71], no dia 29 de julho de 2016, e que pode ser lembrada como um momento singular da relação entre memória histórica e linguagem simbólica. Diferentemente de seus dois antecessores, João Paulo II e Bento XVI, que também visitaram Auschwitz, Francisco optou por não discursar – e ofereceu a quietude como elemento central de sua visita.

O objetivo geral deste artigo é analisar as narrativas que os papas de nossa contemporaneidade – João Paulo II, Bento XVI e Francisco (com destaque para o último) – fizeram nas visitas a Auschwitz-Birkenau. Enfatizamos a comunicação empreendida pela presença e pela quietude de Francisco naquele cenário de memória trágica, na ocasião em que visitou o campo de prisioneiros do regime nazista, compreendendo de que forma Francisco utilizou o poder das imagens na religião para a criação de novos textos.

Utilizamos o método qualitativo e a abordagem teórico-bibliográfica em três pontos que se destacam e se entrelaçam: no primeiro, apresentamos as visitas e os textos dos papas antecessores de Francisco, para realizar um contraponto, pois este não proferiu discurso nenhum; na sequência, fazemos uma descrição imagética da presença do papa argentino em Auschwitz-Birkenau, por meio de imagens difundidas pelo *Vatican News*[72]; e, por fim, trazemos para a discussão uma Carta do Papa Francisco, publicada em novembro de 2024, na qual discute a importância da memória como garantia e estímulo para construir um futuro mais justo e fraterno. Assim, oferecemos uma análise das relações existentes entre religião e memória, procurando

[71] Auschwitz-Birkenau era um conjunto de campos de prisioneiros. Auschwitz, o campo principal, foi instalado em 1940, com o objetivo de manter os prisioneiros para realizarem o trabalho forçado. Já o campo de Birkenau foi construído posteriormente em 1941-1942, com o objetivo principal de ser centro de extermínio em massa, com a instalação das câmaras de gás e o forno crematório. Birkenau ficava cerca de 3 quilômetros de distância do campo de Auschwitz. Os papas visitaram os dois campos, por isso optamos em usar, na maioria das vezes, a nomenclatura Auschwitz-Birkenau.

[72] Portal de notícias oficial da Santa Sé, no qual se encontra também o Centro Televisivo Vaticano, que é responsável pelas imagens do papa no Vaticano ou nas viagens apostólicas que realiza. A plataforma faz parte do Dicastério para a Comunicação, cujo objetivo é divulgar a mensagem da Igreja ao mundo contemporâneo. Disponível em: https://www.laityfamilylife.va/content/laityfamilylife/pt/giovani/gmg.html.

evidenciar de que forma os eventos históricos influenciam as práticas religiosas no mundo contemporâneo.

Por que é importante fazer uma análise da presença, dos discursos e do silêncio dos Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco em suas visitas a Auschwitz-Birkenau?

> Desde o final da Segunda Guerra Mundial, dezenas de teólogos e pensadores de diferentes denominações cristãs refletiram sobre o Holocausto e seu impacto religioso. Assim como no judaísmo, também no cristianismo as reações à Shoá resultaram num variado espectro de propostas (Finguerman, 2012, p. 77).

No campo interdisciplinar das Ciências da Religião e Teologia, este artigo pode se transformar numa oportunidade de reflexão, para que o momento histórico em questão, no qual o humano tocou a sua miséria, seja evidenciado e narrado, e jamais esquecido – inclusive, para que não se repita. Com sua visita a Auschwitz, Francisco quis que a memória, a presença e a quietude fossem também um contributo da e para a cultura do encontro – temática tão cara a seu pontificado. E fez isso a partir do silêncio, que não deve ser confundido com desinteresse, mas ligado a um grito diante das atrocidades que o humano foi capaz de produzir. O silêncio orante de Francisco grita através dos gestos, transformando-se numa solidariedade pelas e com as vítimas de tamanho sofrimento, que foi executado com lucidez e frieza metódica em Auschwitz-Birkenau, durante o nazismo.

1 A visita de um polonês e de um alemão a Auschwitz-Birkenau

Francisco não foi o primeiro papa a visitar o complexo de campos de concentração[73] de Auschwitz-Birkenau na Polônia. Criados pelos nazistas alemães, nesse lugar de memória e de horror, foram cometidas atrocidades:

> Além dos judeus foram torturados e mortos dezenas de milhares de poloneses, milhares de prisioneiros políticos de

[73] Temos consciência de que, hoje, existe uma reflexão a respeito do nome "campo de concentração", há uma preferência por usar "campo de prisioneiros" ou "campo de extermínio". Todavia, utilizamos, nesta primeira ocorrência, "campo de concentração", pois assim está grafado no *site* do Vaticano, no qual podemos encontrar os discursos oficiais dos papas que visitaram Auschwitz-Birkenau – nossa fonte primária neste artigo. Na sequência, optamos por não mais usar a expressão "campo de concentração".

> vários países da Europa e povos Roma e Sinti como também são chamados os ciganos.
> Ao todo, foram assassinados em Auschwitz-Birkenau 1,2 milhão de pessoas. Cerca de 90% das vítimas eram judeus (UNESCO...).

Segundo nossa interpretação, os três papas visitaram os campos de extermínio segundo os preceitos e princípios da mesma fé, mas com perspectivas históricas bem diferentes: o primeiro, um polonês, João Paulo II; o segundo, um alemão, Bento XVI; e, depois, Francisco, um argentino. Isto é, a nacionalidade dos papas influencia nossa construção do caso, pois também isso aparece em seus pronunciamos *in loco*. Karol Wojtyla, que assumiu o ministério Petrino em 16 de outubro de 1976, tornando-se João Paulo II, visitou Auschwitz-Birkenau em de 1979, por ocasião de viagem apostólica à sua terra natal. Por sua vez, Joseph Ratzinger, eleito papa em 2005, sucedendo João Paulo II e tornando-se Bento XVI, visitou o campo de prisioneiros, na Polônia, em 2006. Em consequência, nesta seção, vamos apresentar a reação dos papas antecessores a Francisco em Auschwitz-Birkenau.

1.1 O Gólgota contemporâneo: João Paulo II celebra missa em Auschwitz-Birkenau

De 2 a 10 de junho de 1979, João Paulo II fez sua visita apostólica à Polônia, por ocasião da celebração do jubileu dos 900 anos do martírio de Santo Estanislau, bispo e mártir, padroeiro principal de Varsóvia. Uma viagem apostólica permeada de alegria, nostalgia (por visitar sua terra natal) e tristeza, sobretudo, ao visitar Auschwitz-Birkenau – essa foi uma das primeiras viagens apostólicas realizadas no longo pontificado de João Paulo II[74]. De acordo com José Cardoso, as viagens apostólicas são muito mais do que uma mera visita turística de um papa a um determinado país ou nação. Elas carregam muito mais, inclusive, tendo uma forte carga política:

> Foi somente com João Paulo II que as viagens se intensificariam, atingindo números realmente impressionantes. O papa polonês considerava essa atividade uma ferramenta fundamental em sua estratégia pastoral e política. Primeiramente, porque as viagens cumpriam o papel de fortalecer os fiéis, confrontados com um mundo cada vez

[74] O pontificado de João Paulo II foi de 16 de outubro de 1978 a 2 de abril de 2005, portanto, durou mais de 26 anos.

> mais secularizado. Depois, ensejavam um sentimento de unidade, fundamental para o futuro da igreja. Além disso, carregavam uma forte carga política pois, devido à comoção que geravam, acabavam por evidenciar a importância que a igreja ainda possui, exercendo influência, pelo menos parcial, perante diversos governos (Cardoso, 2022, p. 133).

Em um dos primeiros discursos em terras polonesas, João Paulo II fez referência àquilo que seu povo havia experimentado, principalmente, no período da II Guerra Mundial: "e por isso é que a última Guerra Mundial e a ocupação, vividas pela Polônia, foram para a nossa geração um abalo tão grande, ainda há trinta e cinco anos, quando a guerra acabou em todas as frentes" (João Paulo II, 1979a). O próprio papa polonês falou em sua homilia proferida em Auschwitz-Birkenau que seis milhões de poloneses perderam a vida durante a II Guerra Mundial, uma quinta parte da nação (João Paulo II, 1979b). O Papa João Paulo II celebrou uma missa, que foi concelebrada pelos padres que haviam estado naquele lugar como prisioneiros. Foi a primeira vez, desde que se descobriu a existência dos campos de prisioneiros após o fim da II Guerra Mundial, que foi rezada uma missa no local.

No dia 7 de junho de 1979, após ter visitado sua cidade natal Wadowice, João Paulo II dirigiu-se para Auschwitz-Birkenau. A alegria e a nostalgia por visitar a sua querida Polônia, logo dão lugar à tristeza e ao recolhimento. Karol Wojtyla, que antes de se tornar papa tinha ido várias vezes naquele lugar, estava ali, na ocasião, como um peregrino: "não podia deixar de vir aqui como Papa" (João Paulo II, 1979b).

Pode soar estranho que naquele lugar de horror, João Paulo II tenha feito uma possível alusão à vitória, destacamos o dado paradoxal de que ele tenha utilizado ali 12 vezes a palavra vitória. Partindo do versículo bíblico, que fala sobre "a vitória que vence o mundo: a nossa fé" (1 Jo 5, 4), João Paulo II destacou a vitória do testemunho de São Maximiliano Maria Kolbe, padre polonês prisioneiro também daquele campo de extermínio, assassinado por uma injeção letal no lugar de um pai de família, no dia 14 de agosto de 1941.

O papa polonês destacou, ainda, a vitória do testemunho de fé de Santa Teresa Bendita da Cruz, Edith Stein, vítima do forno crematório naquele campo de extermínio. Assim, João Paulo II diz ter sido, com sua homilia, uma testemunha da vitória: "Cristo quer que eu, como Sucessor de Pedro, preste testemunho diante do mundo daquilo que constitui a grandeza do homem dos nossos tempos e a sua miséria. Daquilo que é a sua derrota e a sua vitória (João Paulo II, 1979b).

João Paulo II não ficou calado em Auschwitz-Birkenau. “Nascido e educado nesta terra, o Papa que foi para a Sé de São Pedro da diocese em cujo território se encontra o campo de Auschwitz” (João Paulo II, 1979b), João Paulo II ressaltou que era seu dever ali pronunciar algumas palavras:

> Falo não só pelos quatro milhões de vítimas que morreram neste campo imenso, falo em nome de todas as nações cujos direitos são violados e esquecidos. Falo, porque é meu dever, um dever de todos nós – a verdade. Falo, porque é meu dever, um dever de todos nós, cuidar da humanidade (João Paulo II, 1979b).

João Paulo II define o campo de Auschwitz como o “Gólgota do mundo contemporâneo” (João Paulo II, 1979b). Como sabemos, Gólgota é o lugar onde aconteceu a crucificação de Jesus de acordo com os evangelhos (cf. Jo 19,17; Mt 27,33; Mc 15,22; Lc 23,33). Infelizmente, não encontramos imagens disponíveis, em vídeos, que pudessem registrar a visita do Papa João Paulo II aos campos de prisioneiros em sua terra natal (pelo menos, não no canal oficial do Vaticano). Podemos, sim, encontrar algumas imagens (fotos) no site do *Vatican News*, órgão oficial do Vaticano (João Paulo II..., 2020). À época, houve notícias da visita de João Paulo II ao campo de prisioneiros em Birkenau. Por exemplo, em matéria datada de 8 de junho de 1979, atribuiu-se ao Papa João Paulo II uma frase contundente:

> Depois o papa foi para Birkenau, que é ligado a Auschwitz por uma estada de ferro, e onde na verdade ficavam as câmeras de gás e os fornos crematórios usados para queimar os corpos de milhares e milhares de vítimas. Ali o papa visitou o museu onde está uma réplica de câmera de gás. Há também coleções de sapatos, escovas de dentes, óculos e até mesmo muletas quer pertenciam às vítimas. Ao sair, o papa disse: “Posso perdoar os nazistas como cristãos, mas não como polonês” (Lapouge, 1979, p. 9).

A frase que o jornal (de grande circulação nacional) apresenta como sendo de João Paulo II não pôde ser encontrada em nenhum outro local, muito menos nos canais oficiais da Igreja católica. É uma frase muito forte quando

atribuída a um papa que se tornou santo[75]. Ela demonstra o quanto o perdão é difícil e, ainda, o quanto a nacionalidade de um sujeito interfere, quando ele vê de perto os sofrimentos que seu povo experimentou. João Paulo II disse na homilia: "e se as minhas palavras deixam um sabor amargo – meus queridos irmãos e irmãs, não foram ditas para acusar ninguém – disse-as para lembrar" (João Paulo II, 1979b).

Era importantíssimo que um papa polonês, recém-eleito ao trono de São Pedro, numa obrigação histórica de perdão e memória, fosse rezar naquela local de martírio do povo judeu (em sua maioria). Diante do sofrimento humano, que parte da própria humanidade (o nazismo) foi capaz de produzir, devem ser deixadas de lado todas as ideologias e as identidades individuais. Ao falar de vitória no lugar em que chamou de Gólgota do mundo contemporâneo, João Paulo II aludiu à memória e à esperança, pois, como ele mesmo disse, "no lugar onde foi espezinhada de modo tão horrendo a dignidade do homem, – uma vitória do homem!" (João Paulo II, 1979b).

1.2 As perguntas de Bento XVI em Auschwitz: ausência, silêncio e tolerância de Deus

Joseph Ratzinger, cardeal vindo de Marktl am Inn, pequena cidade da região da Baviera, na Alemanha, foi eleito papa em 2005, logo após a morte de João Paulo II. Com a eleição ao ministério Petrino, assumiu o nome de Bento XVI. Alemão, portanto, filho da nação que, dominada pelo nazismo, foi capaz de executar as atrocidades nos inúmeros campos de extermínio espalhados por toda a Europa. Consta em sua biografia publicada no *site* oficial do Vaticano, que Joseph Ratzinger, ainda em sua juventude, também teve problemas com o regime nazista:

> O tempo da sua juventude não foi fácil. A fé e a educação da sua família prepararam-no para a dura experiência dos problemas relacionados com o regime nazista: ele recordou ter visto o seu pároco açoitado pelos nazistas antes da celebração da Santa Missa e de ter conhecido o clima de grande hostilidade em relação à Igreja católica na Alemanha (*Biografia...*, 2005).

[75] João Paulo II foi canonizado, isto é, foi declarado santo pela Igreja católica e, portanto, passível de veneração pública. A cerimônia, presidida pelo Papa Francisco, foi realizada no Vaticano, no dia 27 de abril de 2014. Ao dizer que um papa se tornou santo, significa dizer também que ele é modelo de vida para os católicos.

Em Auschwitz-Birkenau, Bento XVI fez um discurso que ficou conhecido pelo grau de eloquência impressa pela lucidez – que sempre caracterizou a vida e a obra do teólogo Joseph Ratzinger. Em sua fala, fez cinco perguntas retóricas em um texto profundamente inquiridor: "Senhor, por que silenciaste? Por que toleraste tudo isto? Onde estava Deus naqueles dias? Por que Ele silenciou? Como pôde tolerar este excesso de destruição, este triunfo do mal?" (Bento XVI, 2006). Cada pergunta feita pelo papa alemão transformou-se numa oportunidade de dissertar sobre a ação divina e a responsabilidade humana diante do mal: praticamente uma teodiceia diante do terrível mal padecido, simbolicamente, por toda a humanidade, no lugar em que o sofrimento do inocente se fez presente.

Não era a primeira vez que Ratzinger visitava o campo de prisioneiros[76]. Ele estava presente em 1979, como arcebispo de Munique-Frisinga, durante a visita de João Paulo II e retornou, em 1980, com uma delegação de bispos alemães. De imediato, em seu discurso, Bento XVI fez um grande apelo ao silêncio:

> Num lugar como este faltam as palavras, no fundo pode permanecer apenas um silêncio aterrorizado um silêncio que é um grito interior a Deus. [...] É nesta atitude de silêncio que nos inclinamos profundamente no nosso coração face à numerosa multidão de quantos sofreram e foram condenados à morte; todavia, este silêncio torna-se depois pedido em voz alta de perdão e de reconciliação, um grito ao Deus vivo para que jamais permita uma coisa semelhante (Bento XVI, 2006).

Aqui, segundo nosso juízo, revela-se um dilema – que só não afirmamos ser intransponível, pois o Papa Francisco oferecer uma resposta a ele à frente na história –, qual seja, apelar para as palavras e o discurso para valorizar o silêncio, a quietude e sua importância. Em Auschwitz-Birkenau, Bento XVI falou muito sobre o silêncio, mas não se silenciou. Em seu pronunciamento, Bento XVI abordou o tema de sua origem, na condição de um alemão que estava a visitar aquele lugar de horror. Mais uma vez, em face da mesma causa de dor para toda a humanidade, a nacionalidade do papa se faz presente em seu discurso:

[76] Também não encontramos muitas fotos ou imagens da visita de Bento XVI ao Campo de Auschwitz-Birkenau, todavia, algumas podem ser visualizadas no canal de notícias oficial do Vaticano (João Paulo II..., 2020).

> O Papa João Paulo II veio aqui como um filho do povo polaco. Hoje eu vim aqui como um filho do povo alemão, e precisamente por isto devo e posso dizer como ele: não podia deixar de vir aqui. Tinha que vir. Era e é um dever perante a verdade e o direito de quantos sofreram, um dever diante de Deus, de estar aqui como sucessor de João Paulo II e como filho do povo alemão, filho daquele povo sobre o qual um grupo de criminosos alcançou o poder com promessas falsas, em nome de perspectivas de grandeza, de recuperação da honra da nação e da sua relevância, com previsões de bem-estar e também com a força do terror e da intimidação, e assim o nosso povo pôde ser usado e abusado como instrumento da sua vontade de destruição e de domínio. Sim, não podia deixar de vir aqui (Bento XVI, 2006).

O papa alemão dissertou sobre aquele campo de prisioneiros – o Gólgota do mundo contemporâneo, segundo seu antecessor –, como o lugar da memória como tentativa de traçar novos caminhos para a humanidade, para que que esse tipo extermínio não existisse nunca mais: "o lugar no qual nos encontramos é um lugar da memória, é o lugar do Shoá. O passado nunca é apenas passado. Ele refere-se a nós e indica-nos os caminhos que não devem ser percorridos" (Bento XVI, 2006). E, por fim, lançou um profundo apelo para que aquele lugar, no qual o humano tocou a sua miséria, pudesse ser um local de purificação da memória: "Graças a Deus, com a purificação da memória, à qual nos estimula este lugar de horror, crescem à sua volta numerosas iniciativas que desejam pôr um limite ao mal e dar força ao bem" (Bento XVI, 2006). Bento XVI citou, ainda, os vários lugares que foram criados com esse intuito de que o holocausto não caísse no esquecimento.

O sociólogo Zygmunt Bauman, polonês de nascimento, contemporâneo e vítima do nazismo, foi convidado por nós para corroborar os argumentos – e para anunciar os riscos do esquecimento daqueles terríveis acontecimentos:

> O Holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura. A autocura da memória histórica que se processa na consciência da sociedade moderna é por isso mais do que uma indiferença ofensiva às vítimas do genocídio. É também um sinal de perigosa cegueira, potencialmente suicida (Bauman, 1998, p. 12).

Aliás, grande desafio para toda a humanidade: que esse lugar de horror não caia no esquecimento – e, na pior das hipóteses, que seja negado. O próprio Bento XVI, no desenvolvimento de seu pontificado, teve que intervir por meio de um discurso sobre o absurdo da negação do acontecimento do holocausto. No dia 12 de fevereiro de 2009, recebeu no Vaticano uma delegação de rabinos vindos da América. No contexto de seus argumentos, estava a polêmica de um bispo-norte americano, Richard Williamson, que havia negado a existência do holocausto (Ullella, 2009). Bento XVI afirmou:

> O ódio e o desprezo pelos homens, mulheres e crianças manifestados no *Shoah* foram crimes contra Deus e contra a humanidade. Isto deveria ser claro para todos, especialmente para aqueles que pertencem à tradição das Sagradas Escrituras, segundo as quais cada ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26-27). É óbvio que qualquer negação ou minimização deste terrível crime é intolerável e totalmente inaceitável. Recentemente, numa audiência geral, confirmei que o *Shoah* deveria ser para todos uma admoestação contra o esquecimento, a negação e o reducionismo, por que a violência feita contra um só ser humano é violência contra todos (Bento XVI, 2009).

Assim, diante do sofrimento humano causado pelo mal, como foi aquilo que aconteceu em Auschwitz, a Igreja católica, por meio de seu líder que, inclusive, pertencia ao povo alemão, sustentou sua narrativa para despertar a memória como atualização do acontecimento e da presença escondida de Deus naquele lugar terrível. Vimos, de novo, como a nacionalidade de um papa pode influenciar seus discursos e narrativas, na tentativa de que as atrocidades cometidas ali, naqueles campos de violência atroz, não caiam no esquecimento. A presença e, principalmente, o discurso de Bento XVI em Auschwitz-Birkenau se transformaram em narrativa construída, num apelo a Deus e ao ser humano.

2 A visita do Papa Francisco a Auschwitz-Birkenau em 2016

Depois de analisarmos as visitas e os discursos dos papas João Paulo II e Bento XVI, antecessores a Francisco, vamos fazer uma análise da presença e quietude do Papa Francisco em dois dos principais campos de extermínio da Europa, criados pelos nazistas, entre 1940 e 1945, durante a II Guerra Mundial. O papa argentino visitou o campo de prisioneiros de Auschwitz, dentro do

contexto da XXXI Jornada Mundial da Juventude[77], que reuniu milhares de jovens em Cracóvia, na Polônia, de 27 a 31 de julho de 2016.

2.1 Como surgiu a ideia de visitar Auschwitz-Birkenau e ficar em silêncio?

Antes de desenvolvermos uma análise da visita do Papa Francisco aos campos de extermínio nazistas na Polônia, abordamos como surgiu a ideia da dinâmica de sua visita. Como já citamos, é comum aos papas realizarem as chamadas viagens apostólicas ou pontifícias, que são viagens oficiais do papa com o objetivo de fortalecer a fé das igrejas locais e lançar luzes para lugares antes esquecidos pela grande mídia, e que também possuem cunho político.

> Sempre que uma viagem papal é noticiada pelos meios de comunicação, veiculando imagens de suas visitas aos mais diferentes países e populações, têm-se a visão do pastor a visitar suas ovelhas, do missionário a levar o evangelho aos mais recônditos rincões. [...] Na realidade, as viagens internacionais são um fenômeno um tanto recente na lista de atribuições do bispo de Roma. Foi somente a partir de meados do século XX que essa atividade ganhou real importância (Cardoso, 2022, p. 131).

Cada vez que um papa visita um país, leva consigo uma grande quantidade de jornalistas para cobrir de forma informativa as viagens, mostrar os gestos do papa e dar visibilidade às suas palavras proferidas. Foi nesse sentido que Francisco quis que a sua primeira viagem fosse realizada para a Ilha de Lampedusa[78], no dia 8 de julho de 2013 (ele havia inaugurado seu pontificado no dia 13 de março de 2013): importante local de travessias de migrantes, muitas vezes malsucedidas, que geram inúmeros mortos e são um verdadeiro escândalo para a humanidade, segundo o próprio Francisco. Inclusive, em Lampedusa, o papa celebrou uma missa, tendo um altar construído sob um barco de migrantes que perderam suas vidas buscando entrar na Itália pela ilha.

---

[77] As Jornadas Mundiais da Juventude foram criadas pelo papa João Paulo II em 1985. A cada dois anos, são realizados grandes encontros mundiais da juventude com a presença do papa em exercício. Para maiores informações, cf. https://www.laityfamilylife.va/content/laityfamilylife/pt/giovani/gmg.html.

[78] Para mais informações, algumas imagens e a homilia proferida por Francisco na Ilha de Lampedusa (Itália), cf.: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2013/inside/documents/papa-francesco-lampedusa-20130708.html.

A ideia de visitar Auschwitz e lá permanecer em silêncio foi divulgada algum tempo antes – pouco mais de um mês antes da viagem que faria à Polônia –, no voo de regresso da viagem apostólica que Francisco fez para a Armênia, no dia 26 de junho de 2016. Como também foi característica de seu pontificado, Francisco sempre promovia coletivas de imprensa com os jornalistas que o acompanhavam nas viagens apostólicas. Padre Frederico Lombardi, SJ, que foi diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé, entre os anos 2006 e 2016, desde o pontificado de Bento XVI, acabou revelando isso numa última pergunta feita ao papa argentino. Assim explicou o responsável pela comunicação no Vaticano:

> Diz respeito à próxima viagem à Polónia, para a qual já nos começamos a preparar. E o Santo Padre dedicar-se-á à sua preparação neste mês de julho. Vossa Santidade vai visitar também Auschwitz e Birkenau, durante a viagem à Polónia. Ouvi dizer que o Santo Padre deseja viver estes momentos mais com o silêncio do que com as palavras, pelo que, como fez aqui, talvez faça o mesmo em Birkenau. Então, queria pedir se nos podia dizer se entendia fazer lá um discurso ou se preferia, pelo contrário, ter um momento de oração silenciosa com uma sua motivação específica (Francisco, 2016).

Francisco prontamente respondeu à pergunta de Lombardi, falando como gostaria que fosse realizada a sua visita: "o silêncio. Eu gostaria de ir àquele local de horror sem discursos, sem gente... apenas a mínima necessária. Naturalmente os jornalistas estarão. Mas sem saudar este e aquele. Isso não. Sozinho, entrar, rezar... E que o Senhor me dê a graça de chorar" (Francisco, 2016).

E sobre o dom das lágrimas, em outra ocasião, quando foi perguntado em entrevista se costumava chorar, o pontífice argentino disse sentir dificuldades para o dom das lágrimas e que pedia em oração: "na minha vida, às vezes, eu até tive o dom das lágrimas, mas agora confesso que estou um pouco seco, e que faz falta, porque o dom das lágrimas é realmente uma dádiva que devemos pedir. Eu sempre peço por esse dom" (Francisco, 2025, p. 22).

2.2 Uma análise da visita de Francisco a Auschwitz-Birkenau

No dia 29 de julho de 2016, cambaleante (de acordo com a característica peculiar de seu andar, que ficou mundialmente conhecida) e em profundo recolhimento, Francisco cruzava sozinho o portão de ferro do principal campo de prisioneiros em Auschwitz, passando por debaixo dos letreiros

confeccionados, contendo a seguinte frase: *"Arbeit macht frei"* – que, em tradução literal, quer dizer "o trabalho liberta". De acordo com o Papa João Paulo II, essa expressão soa como um som sardônico, uma vez que o seu conteúdo era radicalmente negado por aquilo que acontecia dentro desse campo de extermínio nazista (João Paulo II, 1979b). Vejamos um breve relato da presença silenciosa de Francisco naqueles lugares:

> Uma vez cruzado o umbral do campo, é como estar em outra dimensão. Mesmo quem está em um grupo se sente só. Francisco se senta num banquinho entre duas árvores, na praça do apelo, onde os prisioneiros eram enforcados. [...] Por quinze minutos, Francisco fica absorto em oração, com as mãos enlaçadas, tendo ao fundo o arame farpado quase como uma moldura. Quando se levanta, vai beijar um pedaço de madeira usado como patíbulo (Tornielli, 2017, p. 278).

Será que a quietude do Papa Francisco pode ser considerada uma indiferença? A pergunta é retórica, e nossa resposto é não. De acordo com Paulo Nogueira, nos sistemas básicos das linguagens da religião, há três pedras angulares da constituição da linguagem e da cultura: o gesto, a imagem e a narrativa. Entre eles, o mais claro é o gesto constituído de imagens do corpo. No gesto, ganha-se sequenciamento espaço-temporal, ou seja, os gestos se constituem em narrativas:

> No poder associativo das imagens e das metáforas da cultura e da religião há um potencial imenso para a criação de novos textos e complexos textuais. Por fim, a narrativa partilha do poder de associação da imagem, afinal narrativa é imagem em movimento, em várias cenas, tempo-espaço articulados, organizadas em torno de agentes. Mas ela também partilha da sequencialidade do gesto, de roteiros e enredos (Nogueira, 2016, p. 251).

Nas imagens difundidas ao mundo inteiro pelo *Vatican News*, pôde-se constatar que os gestos, a presença e a quietude de Francisco evidenciaram a memória e o respeito pelas vítimas de um lugar tão atroz. Tanto o vídeo (Papa visita..., 2016) quanto as fotos (Viagem apostólica..., 2016) estão disponíveis em canais oficiais da Igreja católica e se transformaram numa importante fonte histórica. Os narradores responsáveis pela transmissão, quase sussurrando, faziam também um convite à oração. E buscavam preencher o espaço do

silêncio, explicando cada gesto do papa ou buscando palavras proferidas ali pelos seus predecessores. Francisco, na verdade, seguiu os passos de seus antecessores, uma vez que, como vimos, os papas João Paulo II e Bento XVI já haviam visitado Auschwitz em 1979 e em 2006, respectivamente. Mas Francisco, diferentemente deles, não proferiu discurso nenhum.

2.3 A mensagem de Francisco deixada por escrito em apenas duas frases

Francisco não pronunciou uma única palavra. No *Livro da Memória do Museu de Auschwitz*, escreveu em duas linhas um pedido de piedade e de perdão, utilizando o espanhol, a sua língua materna: *"Señor, ten piedad de tu pueblo! Señor, perdón por tanta crueldad!"*, em tradução literal: "Senhor, tem piedade de teu povo! Senhor, perdão por tanta crueldade!". Aqui, é possível criarmos um diálogo com Dorothee Sölle, poeta, escritora e teóloga alemã. Em sua obra *Sofrimento*, quando discorre sobre as "condições externas e extremas, como o campo de concentração de famintos", ela escreve:

> O sofrimento extremo apodera-se do homem em sua totalidade, destruindo-lhe a capacidade para a comunicação. São impotentes quaisquer discursos para expressar tal noite da dor. [...] Desenvolver uma teologia de tal sofrimento seria puro cinismo, porquanto a teologia pressupõe um mínimo de experiência comum. Se pretendêssemos dispensar o pressuposto da experiência, poderíamos produzir tão somente palavreado e, na pior das hipóteses, fórmulas de resignação. Podemos fazer a tentativa de deslocar tais limites da linguagem até certo ponto, atentando para o que nos relatos de sofrimento extremo aparece como portador de um sentido e de um humanismo. No entanto, nesse intento não podemos ir mais longe do que nos consentem os limites da morte. O respeito pelos que sofrem *in extremis* demanda silêncio (Sölle, 1996, p. 78).

Assim, diante do sofrimento extremo é necessário falar ou se calar? Seria um cinismo uma teologia construída por discursos ou pela presença dos papas da contemporaneidade em Auschwitz? A nosso ver, foram necessários a homilia de João Paulo II, o discurso eloquente de Bento XVI e a presença-quietude orante de Francisco, neste lugar de massificação da morte. Francisco reconhece ter aprendido várias coisas durante a sua vida, e que uma delas foi ficar em silêncio diante do sofrimento. Em entrevista para Lorena Bianchetti – conhecida jornalista vaticanista –, que foi ao ar na TV italiana RAI Uno

(Colloquio..., 2022), na Sexta-feira Santa (dia em que a liturgia católica celebra a Paixão-morte de Cristo), ao ser perguntado a partir da frase pronunciada por Jesus na cruz – "Meu Deus, por que me abandonaste?" –, o que diria o Papa Francisco para alguém que experimentasse alguma angústia? Francisco respondeu assim:

> Na vida, aprende-se. Tive de aprender muitas coisas e ainda tenho de aprender porque espero viver um pouco mais, mas tenho de aprender. E uma das coisas que aprendi foi a não falar quando alguém está a sofrer. Seja uma pessoa doente, seja uma tragédia. Pego-lhes na mão, em silêncio. Mas quando vêm [a dizer] e tu estás doente "Não, mas isto, aquilo, mas o Senhor...". Cala-te! Silêncio. Em frente da dor: silêncio (Francisco, 2022).

Se o papa argentino escolheu o silêncio em Auschwitz e Birkenau, em contrapartida, o pontífice falou sobre a importância da memória como garantia e estímulo para construirmos um futuro mais justo e fraterno.

2,4. Carta do Papa Francisco sobre a renovação do estudo da história da Igreja

Destacamos, aqui, a preocupação de Francisco sobre a importância que a memória adquire para a preservação dos fatos do passado: para evitar o perigo do esquecimento. Durante os 12 anos de seu pontificado, dentre seus inúmeros discursos, homilias, catequeses, cartas e documentos oficiais, não faltou um texto sobre a importância da memória, quando pediu que a *Shoah* não fosse ser esquecida.

No dia 21 de novembro de 2024, num dos seus últimos escritos[79], Francisco publicou uma Carta sobre a renovação do estudo da história da Igreja, cujos argumentos salientam que deve haver na formação aos candidatos ao sacerdócio uma considerável atenção ao estudo sobre a história da Igreja, a fim de que se promova nos candidatos uma verdadeira sensibilidade histórica.

> Não devemos convidar ao esquecimento. Com efeito, não podemos permitir que as atuais e as novas gerações percam a memória do que aconteceu, aquela memória que é garantia e estímulo para construir um futuro mais justo e fraterno. Por isso, insisto que a *Shoah* não deve ser esquecida [...], não se

[79] Francisco faleceu em 21 de abril de 2025.

> devem esquecer os bombardeamentos atómicos de Hiroshima e Nagasaki [...], também não devemos esquecer as perseguições, o comércio dos escravos e os massacres étnicos que se verificaram e verificam em vários países, e tantos outros eventos históricos que nos fazem envergonhar de sermos humanos (Francisco, 2024).

Tido como uma pérola do pontificado do papa argentino, o escrito, que é direcionado aos sacerdotes, especialmente àqueles que estão em formação (seminaristas), mas também aos leigos e leigas, nele, Francisco destacou ser imprescindível fazer um estudo sobre a história, para evitar que se faça uma visão idealizada, apresentando, em contrapartida, uma Igreja real, com suas manchas ou rugas, a fim de que se possa amar a Igreja que existe realmente.

Na conclusão do documento, aparece o tom coloquial quase despretensioso de Francisco, mas que oferece uma profundidade sobre o verdadeiro objetivo do estudo da história: "para concluir, gostaria de recordar que estamos a falar de estudo e não de conversa fiada, de leitura superficial, de 'copiar e colar' de resumos da Internet" (Francisco, 2024). Destaca, ainda, que o verdadeiro estudo serve para questionar e não para anestesiar diante da banalidade. Que essas palavras reverberem e encontrem eco no coração da humanidade, ainda tão ferida pela banalidade da violência.

Considerações finais

Durante a visita do Papa Francisco ao campo de prisioneiros de Auschwitz e Birkenau em 2016, lugar conhecido por ser a maior rede de campos em que era operado o extermínio, em sua maioria, de judeus (mas não somente), e que se tornou o principal símbolo da *Shoah* durante a Segunda Guerra Mundial, onde morreram milhões de pessoas, ele optou por ficar em silêncio orante e deixar que seus gestos falassem. O papa argentino se transformou em peregrino da oração, num lugar em que qualquer palavra pode até parecer supérflua.

As visitas de seus antecessores: o polonês João Paulo II, que fez uma homilia no que chamou de Gólgota do mundo contemporâneo, assim como as cinco perguntas do alemão Bento XVI, inclusive, sobre onde estaria Deus ao permitir tamanha atrocidade naqueles campos, servem de contraponto, quando Francisco se vale da quietude e de sua presença orante.

Para compor uma música, a artista necessita, necessariamente, de som e de pausas (silêncios), que se complementam em uma mesma partitura – e constituem toda sua beleza. A nosso ver, sobre a implacável batuta da memória,

que marca cada compasso da história, a Igreja católica na contemporaneidade apresentou uma melodia com convite ao não esquecimento, com as palavras (som) de João Paulo II e Bento XVI e o silêncio (pausas e narrativas de Francisco), e compôs uma melodia de afeto e de proximidade com as vítimas e com os sobreviventes do Holocausto – entre os quais, podemos dizer que toda a humanidade está inserida.

Como destacamos, o Papa Francisco fez uma excelente comunicação não verbal: ele compreendia, direta e indiretamente, que a ausência total das palavras naquele lugar (apropriado ao silêncio) geraria empatia, respeito e solidariedade com os que ali sofreram, sua memória e seus descendentes. A presença de Francisco naquele lugar de horror transformou-se, então, numa liturgia do silêncio.

A "presença-silêncio" do Papa Francisco em Auschwitz-Birkenau foi um calar-se em face da contemplação da dor, que se transformou numa forma de narrativa diante do sofrimento humano. Um silêncio que provocou a memória na tentativa de que esse mal não voltasse a se repetir, uma presença que foi uma liturgia em favor das vítimas da atroz violência e uma quietude que falou como um discurso eloquente de Francisco diante do padecimento causado pela humanidade – no lugar que foi testemunha de uma das expressões de maior horror em todo o século passado.

Diferentemente dos seus antecessores, cada qual aproveitando-se, no melhor sentido de suas nacionalidades, para a elaboração de seus bons discursos, Francisco – com um grito silencioso, ou seja, mesmo sem dizer uma única palavra – mas, somente com a sua presença e quietude, criou uma narrativa, elaborando um texto a partir do poder de associação da imagem, tão pertinente ao mundo das religiões.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENTO XVI. *Discurso do Papa Bento XVI à Conferência dos Presidentes das Organizações Judaico-americanas maiores*, 12 de fevereiro de 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20090212_jewish-organizations.html. Acesso em: 17 out. 2025.

BENTO XVI. *Discurso do Santo Padre durante a visita ao Campo de concentração de Auschwitz-Birkenau*, 28 de maio de 2006. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-

xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau.html. Acesso em: 17 out. 2025.

BIOGRAFIA de sua Santidade Bento XVI, 19 de abril de 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography_old.html. Acesso em: 23 de set. 2025.

CARDOSO, José. Entre o céu e a terra: as viagens de Bento XVI e Francisco em perspectiva. *Revista de Estudos da Religião – REVER*, v. 22, n. 1, 2022. p. 129-147. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/rever/article/download/56302/40056. Acesso em: 14 mai. 2025.

COLLOQUIO a Papà Francesco, 16 de abril de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pb13IHNH-ho. Acesso em: 7 ago. 2025.

FINGUERMAN, Ariel. *A teologia do Holocausto: como pensadores judeus e cristãos explicaram Auschwitz*. São Paulo: Paulus, 2012.

FRANCISCO. *A esperança sob assédio. O Papa Francisco em conversa com Lorena Bianchetti. Especial da Sexta-feira Santa*, 15 de Abril de 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/april/documents/20220415-a-sua-immagine-venerdisanto.html Acesso em: 5 ago. 2025.

FRANCISCO. *Carta do Papa Francisco sobre a renovação do estudo da História da Igreja*, 24 de novembro de 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2024/documents/20241121-lettera-storia-chiesa.html. Acesso em: 15 set. 2025.

FRANCISCO. *Conferência de imprensa do Santo Padre durante voo de regresso da Armênia*, 26 de junho de 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/june/documents/papa-francesco_20160626_armenia-conferenza-stampa.html Acesso em: 1º out. 2025.

FRANCISCO. *Dos pobres ao Papa, do Papa ao mundo*: conversas sinceras com o Papa Francisco. Rio de Janeiro: Minotauro, 2025.

JOÃO PAULO II, Bento XVI e Francisco em Auschwitz e Birkenau. *Vatican News*, 27 de janeiro de 2020. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-01/joao-paulo-ii-bento-xvi-e-francisco-em-auschwitz-e-birkenau.html. Acesso em: 11 out. 2025.

JOÃO PAULO II. *Discurso do Santo Padre durante o encontro com as autoridades civis da Polônia*, 2 de junho de 1979a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/june/documents/hf_jp-ii_spe_19790602_polonia-varsavia-autorita-civili.html. Acesso em: 10 out. 2025.

JOÃO PAULO II. *Homilia do Santo Padre durante a solene Concelebração no Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau*. 7 de junho de 1979b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790607_polonia-brzezinka.html. Acesso em: 15 out. 2025.

LAPOUGE, Gilles. Tristeza e reflexão diante do holocausto. *O Estado de São Paulo*, 8 de junho de 1979, p. 9. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19790608-31972-nac-0009-999-9-not. Acesso em: 5 out. 2025.

NOGUEIRA, Paulo A. S. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. *Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 14, n. 42, 2016. p. 240-261.

PAPA visita os campos de concentração nazistas de Auschwitz e Birkenau. Vaticano: *Vatican News*, 29 de julho de 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LJ3gITnvtXY. Acesso em: 25 out. 2025.

SÖLLE, Dorothee. *Sofrimento*. Petrópolis: Vozes, 1996.

TORNIELLI, Andrea. *As viagens de Francisco*. Conversa com Sua Santidade. São Paulo: Planeta, 2017.

ULLELLA, Philip. Papa remove cardeal responsabilizado por crise com judeus. *O Estado de São Paulo*, 8 de julho de 2009. Disponível em: https://www.estadao.com.br/ciencia/papa-remove-cardeal-responsabilizado-por-crise-com-judeus/?srsltid=AfmBOoq-BAs8zfvfEYGOV8JjEHtcJ3vgdcYhuBzkxhm_kJ8W4Gb3cM2W.

UNESCO autoriza mudança de nome do Campo de Auschwitz. *ONU News*. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2007/06/1262111

VIAGEM Apostólica à Polônia: visita ao Campo de concentração de Auschwitz. Vaticano: *Site Oficial, 29 de julho de 2016*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2016/7/29/poloniaauschwitz.html